

EDUCAÇÃO E IMPRENSA: A PROPAGANDA ANARQUISTA NAS PÁGINAS DO JORNAL: “A VIDA” – 1914 A 1915

Eduarda Miriani Stabile (PIC/Uem), Marco Antônio de Oliveira Gomes
(Orientador), e-mail: marcooliveiragomes@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Arte/Maringá, PR.

Ciências Humanas/Educação

Palavras-chave: Imprensa anarquista. “A Vida”. Movimento operário.

Resumo:

A pesquisa em questão buscar analisar as ideias a respeito de educação encontradas no Jornal anarquista “A Vida”, impresso na cidade do Rio de Janeiro, nos anos de 1914 a 1915 e editado sob direção do professor José Oiticica. A chegada de imigrantes no Brasil no cenário da crise do regime escravista e expansão da produção cafeeira contribuíram também para a constituição de uma incipiente classe operária em alguns centros urbanos do país. Diante das condições de trabalho marcadas pela exploração dos trabalhadores da nascente indústria do início do século XX, o anarquismo se converteu na principal corrente presente no interior do movimento operário. Preocupados com a formação do trabalhador para as lutas travadas contra a burguesia e o Estado, a educação tornou-se um tema estratégico que esteve presente em diferentes periódicos. Assim, o trabalho com a imprensa é uma das fontes privilegiadas para a compreensão das propostas presentes no interior do movimento operário. Para tanto, foram necessários o levantamento e a catalogação de artigos do jornal “A Vida” que abordavam o problema da educação e formação dos trabalhadores compreendendo-os em sua totalidade.

Introdução

O movimento anarquista se fez presente na organização dos trabalhadores que atuavam em sindicatos, federações e uniões, além disso, também foi essencial em atividades culturais, como teatros e conferências e em atividades educacionais, como publicações em periódicos, bibliotecas, participação em grupos de estudo, escolas, entre outros. Todas as ações dos anarquistas foram divulgadas, principalmente em jornais, revistas, panfletos e folhetins, mas nem sempre a periodização foi duradoura, alguns existiram por anos e outros por meses, mas, a grande maioria englobava mensagens que informavam as lutas e reivindicações dos trabalhadores. A partir da contribuição de Luizetto (1987), é possível perceber que os militantes anarquistas depositaram muita importância na educação dos

trabalhadores como forma de contribuir para a transformação da sociedade. Nesse sentido, não se tratava apenas de educação formal, mas também da educação informal, realizada pelo conjunto das ações dedicadas à divulgação do ideário libertário.

[...] Para o movimento libertário, era muito especial o papel representado pela educação: de um modo geral, era claro para a maioria dos militantes que ela não era o único nem o principal agente responsável pelo desencadeamento da revolução; mas era evidente para eles que, sem a ocorrência de mudanças profundas na mentalidade das pessoas, mudanças provocadas em grande parte por intermédio da educação, a revolução social poderia não alcançar o êxito desejado. (LUIZETTO, 1987, p.42).

Diante disso, a pesquisa tem como objetivo analisar e compreender as propostas de formação do homem presente no periódico “A Vida”, tomando por base os artigos publicados entre 1914 a 1915.

Materiais e métodos

As origens da indústria e do movimento operário no Brasil

Com a chegada dos imigrantes europeus no Brasil, o movimento operário e o processo de industrialização começaram a serem notados. Foi diante dessa conjuntura marcada pelo crescimento das atividades fabris e de centros urbanos que a formação da classe operária foi constituída no território brasileiro, o cenário era demarcado pela ausência de legislação que regulamentasse as relações entre capital e trabalho.

Como consequência, longas jornadas de trabalho fabril, a inexistência de férias e repouso remunerado, salários baixos e decadentes no caso de mulheres e crianças foram proporcionados.

As relações de produção em vigor abrangiam várias formas de exploração do trabalho. No campo, vínculos empregatícios contaminados pela prática do favor prendiam empregados a patrões por dívidas muitas vezes impossíveis de saldar e configuravam situações que beiravam à escravidão. Na cidade, o panorama não era diferente: uma massa de trabalhadores pobres acumulava-se no espaço urbano e vendia sua força de trabalho a preços que degradavam a vida, quando não a inviabilizavam, ou dedicava-se a outras ocupações, em nome da sobrevivência. Sem alternativas no mercado de trabalho, muitos ex-escravos e seus descendentes viviam em situação de desemprego crônico ou agregados a famílias ricas, onde exerciam extensas jornadas de trabalho doméstico não-remunerado (PATTO, 1999, p. 169)

Até meados de 1920 foram os imigrantes que constituíram o maior contingente da classe operária e trouxeram para o Brasil, algumas ideias e teorias da Europa caracterizadas pelos princípios anarquistas e comunistas.

Desde o final do século XIX, a classe operária buscou se organizar em associações de autoajuda para casos de necessidades materiais, em continuidade ocorreu à organização de sindicatos que objetivavam a defesa dos trabalhadores.

Nesse sentido, para que os ideais anarquistas chegassem até a população, era necessário que fossem difundidos por meio de folhetins, jornais, revistas, organizações em grupos, comícios, entre outras formas de comunicação.

As condições de trabalho e a imprensa operária no Brasil como fonte de pesquisa.

No início do processo de chegada dos imigrantes, a maioria absoluta dirigia-se às fazendas de café fundamentalmente no Estado de São Paulo. No entanto, em função das condições adversas: mandonismo dos senhores de terras, remuneração, endividamento, violência e condições de trabalho próximas da escravidão, muitos abandonaram as fazendas em busca de trabalho nos centros urbanos.

As condições precárias de trabalho, salários atrasados, além da ausência quase que completa de direitos, potencializou as tensões entre o patronato e trabalhadores, nesse sentido uma questão se colocava para as lideranças: como organizar o movimento dos trabalhadores em um cenário marcado pelas altas taxas de analfabetismo.

A imprensa anarquista, vinculada aos sindicatos expressou um caráter didático e educativo em termos mais amplos. Buscava-se por meio dos jornais difundirem o caráter da luta anarquista em defesa dos trabalhadores. Por isso, os periódicos expressam um projeto de sociedade, selecionam fatos que devem ou não ser publicados, posicionam-se diante de acontecimentos, como também, apresentam manifestações referentes à consciência de classe.

O jornal “A Vida” e a defesa de uma sociedade livre.

Um dos critérios para a escolha do jornal foi à importância histórica do mesmo, já que se volta à propaganda, formação, educação, e organização dos trabalhadores. O jornal era uma publicação mensal anarquista, publicada no último dia de cada mês, o número avulso custava 200 reis e a assinatura anual 5.000 reis. Sua sede ficava na Rua Uruguayana, número 114 no Rio de Janeiro.

Sob a direção de José Oiticica em sociedade com o médico Francisco Viotti, “A Vida” foi um periódico fundado em 30 de novembro de 1914 e circulou até 31 de maio de 1915. Entre os intelectuais que escreveram em suas páginas, destacamos: Astrojildo Pereira, Orlando Correia Lopes, Hermes Fontes, Primitivo Soares, Efrem Lima, João Penteado, Adelino Pinho.

O periódico era estruturado por colunas, algumas estavam presentes na maioria das edições, como: Crônica Subversiva; O desperdício da Energia Feminina; Biografia brasileira sobre a questão social; Expediente e Leitura

que recomendamos. Outras eram publicadas apenas em alguns jornais, como: Positivismo e anarquismo, uma carta do Sr. Teixeira Mendes; As escolas e sua influência social; O valor das leis e dos tribunais; Contra a guerra e pela liberdade; entre outras.

Registre-se, o jornal “A Vida” não se destinava ao grande público, até pelo elevado índice de analfabetismo no país. Os editores e articulistas do jornal entendiam que o mesmo serviria com um instrumento de formação para os simpatizantes ou militantes do movimento operário interessados em se aprofundarem sobre as questões sociais no Brasil e para a constituição de quadros do movimento anarquista. Estes propósitos podem ser encontrados em diferentes artigos do jornal em seu período de existência.

Resultados e Discussão

O periódico desempenhou o papel de educar por meio da propaganda para contribuir no processo de desvelamento da ideologia que a classe dominante estabelecia para com os trabalhadores. Analisando esse momento da história é possível perceber a importância atribuída à educação pelo movimento libertário, pois defendia a relação entre o educar e a transformação social, aprendida nos espaços educativos e colocadas em prática nos conflitos entre capital e trabalho.

Conclusões

Os textos referentes à educação encontrados no jornal para a análise, foram de extrema importância, já que são fontes primárias e apresentam informações na forma original, sem interpretação, sumarização ou avaliação de outros escritores, além de levar a população a ler nas “entrelinhas” e lutar pelos seus direitos, criticando elementos de dogmatismo sobre o operariado de forma clara e aberta.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Marco Antônio de Oliveira Gomes que me apresentou uma fonte histórica cheia de informações valiosas para o entendimento da história da educação anarquista, ao PET Pedagogia da UEM que incentiva seus alunos a ingressarem na Iniciação Científica e ao EAIC que proporciona um espaço de apresentações e debates sobre diversos temas na Universidade.

Referências

LUIZETTO, F. **Utopias anarquistas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.



PATTO, Maria Helena Souza. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. **Estudos Avançados**. vol.13 nº 35 São Paulo, 1999.